

Projeto social na escola: relatos sobre uma banda de música

Comunicação

Daniel Santos da Silva
Universidade Federal de Santa Maria
danielsantosdasilva12@gmail.com

Beatris Schmidt Faraco Mengarda
Universidade Federal de Santa Maria
beamengarda@outlook.com

Patrícia Wilke
Universidade Federal de Santa Maria
patricia.wilke1@gmail.com

Pablo da Silveira Reis
Universidade Federal de Santa Maria
pablosreis@hotmail.com

Ana Lucia Louro
Universidade Federal de Santa Maria/Universidade do Estado de Santa Catarina
ana.louro@ufsm.br

Resumo: Apesar da *performance* incrível da banda e do corpo coreográfico, a escola, por circunstâncias específicas, não pode fornecer todo o apoio necessário para a manutenção do projeto. Neste relato de experiência - metodologia utilizada neste artigo -, os autores têm como objetivo descrever como esta instituição desenvolve seus trabalhos. Além disso, os colegas de um grupo de pesquisa buscam ajudar o desenvolvimento da escrita do primeiro autor através de uma visita e posterior relato por escrito. Como fundamentação teórica, veremos a banda como parte da educação musical nas escolas (TOURINHO, 1993; CAMPOS, 2008), o ensino coletivo de instrumentos (PAZIANI, 2016; LIMA, 2022) e a banda como projeto social (OLIVEIRA, 2001; DAYRELL, 2002). Esperamos que tal experiência possa ser, de certa forma, compartilhada com os leitores e que através de relatos de experiência como estes muitas bandas marciais possam ser estimuladas a serem mantidas ou criadas, na escola, fora dela, como projetos sociais ou qualquer configuração passível de subsistir nas condições educacionais adversas, muitas vezes experienciadas no Brasil.

Palavras-chave: Educação Musical; Banda Marcial; Ensino coletivo de instrumentos musicais.

Introdução

Pensar e realizar os movimentos necessários, para manter um projeto com várias décadas de existência, propõe a seus coordenadores vários dilemas. Como professor e coordenador de outros projetos e grupos, sei que nada que eleva a condição do ser humano e contribui para uma sociedade melhor é fácil. É inevitável que o professor visite suas memórias e volte no tempo, pois é o mesmo local, as mesmas salas e alguns instrumentos ainda são os mesmos de 25 anos atrás. Fico pensando no papel positivo que a banda teve na minha trajetória e de centenas de outros meninos e meninas que fizeram parte do projeto, como manter as atividades e continuar avançando se os desafios e responsabilidades aumentam e os recursos são escassos ou inexistentes? Recorrer ao terceiro setor da sociedade a uma associação sem fins lucrativos foi o caminho que encontramos para contornar algumas questões financeiras, é claro que junto vem uma série de outros encontros, compromissos e documentações que nada tem a ver com a música ou a educação musical, mas sinalizam uma alternativa para a manutenção do projeto.

A partir dessa nova realidade, os componentes precisam desenvolver outras habilidades. Além de tocar um instrumento ou fazer parte do corpo coreográfico, participar das aulas de teoria musical, consciência corporal, ordem unida, ensaios gerais com deslocamentos ou preparar um espetáculo novo com um repertório exclusivo, tornam-se tesoureiros, secretários, componentes do conselho fiscal e vice-presidente. O resultado é bom, acalenta a alma dos alunos que vieram receber e agora doam energia, tempo e esperança. São agora multiplicadores, compartilham o que sabem com os novos integrantes e dão um suporte necessário para a manutenção do projeto.

Os dilemas continuam a ocupar os meus pensamentos e procuro encontrar alternativas para entregar os resultados pretendidos pela sociedade em relação ao projeto, sem que isso

se torne o principal objetivo. Com isso, penso que a importância¹ que o projeto teve e tem na vida de muitos habitantes da nossa cidade que continua pujante em nosso slogan: “a Banda Maneco, desenvolvimento social através da música e da dança”.

O primeiro autor deste relato de experiência convidou aos demais membros para assistirem a um ensaio da banda marcial que rege. Após o ensaio, dois dos membros (segundo e quarto autor desse relato de experiência) escreveram sobre suas impressões.

Ao falarmos da importância do relato de experiência aqui apresentado, trazemos ao texto pesquisadores importantes da área da Educação Musical e seus estudos em torno das narrativas (auto)biográficas. Ana Lúcia de Marques e Louro-Hettwer ao longo de sua carreira realizou pesquisas narrativas com o tema da (auto)biografia (LOURO, 2013, 2016; LOURO; TEIXEIRA; RECK, 2016), assim como, a autora Jéssica de Almeida (ALMEIDA; LOURO, 2019; ALMEIDA, 2019).

Com esse relato de experiência, apontam-se os objetivos de descrever a vivência ao assistir (autores 4 e 2) e coordenar (autor 1) uma banda marcial que está inserida dentro de uma escola de educação básica mas que, também, é um projeto social. Além disso, há também o intuito de relatar a importância da banda marcial para a educação musical e para o desenvolvimento musical dos alunos dentro da instituição relatada neste artigo.

A banda como parte da educação musical nas escolas

A Educação Musical desempenha um papel relevante no desenvolvimento integral dos estudantes, possibilitando a aprendizagem de certas habilidades, tanto técnicas quanto artísticas e, além disso, desponta questões relacionadas às capacidades emocionais, culturais e sociais. A banda surge neste espaço, sob as mais diversas e diferentes propostas para se ensinar

¹ Neste trecho o narrador é o primeiro autor.

música no contexto escolar, acabando por se tornar a ponta de um aspecto a se desenvolver e investigar.

A banda, como elemento da Educação Musical, está presente em muitas das escolas do Brasil, principalmente por se tratar de um grupo com formação coletiva que, ainda, expõe as instituições de ensino em eventos públicos por meio de execuções instrumentais artísticas e práticas musicais que se manifestam segundo Tourinho (1993), como parte de uma “demonstração de um produto”. Além disso, nota-se que as escolas projetam as bandas como um processo de ensino extracurricular, ou seja, atividades que estão fora do currículo escolar regular. Por se tratar de um ensino extracurricular, os desafios da prática vêm à tona e carregam consigo muitos dilemas. Campos (2008) aponta que, no contexto escolar, a música tem se manifestado de diversas formas, sendo que “a educação musical ainda não é prática oficializada, os grupos vocais e instrumentais assumem papel importante no que se refere à socialização, à disciplina e à ampliação de experiências musicais” (p. 103) e, assim, as bandas fazem parte da prática musical escolar mesmo não estando diretamente conectados ao ensino curricular.

Em um contexto de integração entre escola e comunidade, a prática de banda atua unindo, muitas vezes, músicos profissionais - que atuam em outras esferas da sociedade - e os alunos, possibilitando a troca de experiência entre esses dois diferentes grupos. Além disso, os desfiles cívicos atuam como parte importante do trabalho nesse contexto de Educação Musical. Nóbrega (2018) reforça estas colocações ao dizer que,

Desde que surgiram, as bandas se tornaram um dos principais grupos musicais ligados a diferentes contextos. Sejam bandas de música da prefeitura da cidade compostas por músicos profissionais e amadores, bandas marciais formadas por alunos de escolas municipais e estaduais, bandas fanfarras bastantes características nos desfiles cívicos de algumas cidades interioranas ou bandas vinculadas a projetos sociais, cada uma das quais possuem funções diversificadas de acordo com o ambiente em que se encontram. (NÓBREGA, 2018, p. 28).

Outro ponto de aproximação com a comunidade são as apresentações em desfiles, escolas, campeonatos e comemorações de datas importantes para a cidade. Com isso, essa prática educativo-musical ganha visibilidade ao estar presente no cotidiano da comunidade que está inserida e, além disso, o público ganha importante papel na valorização de diferentes expressões culturais e artísticas (OLIVEIRA, 2023). A plateia passa a dar importância a essa expressão musical, contribuindo para a visibilidade do trabalho do educador musical que atua frente à banda.

A função da banda de música na sociedade vai além de apresentações públicas. Existe um caráter social bastante forte, sendo a participação da comunidade um dos incentivos para que a banda permaneça com suas atividades em muitas localidades. Sem apoio financeiro e cultural dos governos, as bandas, muitas das vezes, mantêm-se devido à sua importância para os membros da comunidade, que não desejam que essa tradição, às vezes centenárias, possa sucumbir. (NÓBREGA, 2018, p. 35).

Como vemos na citação acima, o trabalho com bandas, muitas vezes, é mantido pelos próprios membros, sendo difícil o incentivo por parte de esferas públicas de financiamento. Outro ponto citado é a tradição que, por vezes, mantém ativa as atividades por conta da sua importância social e cultural para a comunidade que nela atua.

A banda, muitas vezes associada apenas a desfiles, têm outras possibilidades de entrelaçamentos, sendo que pode até mesmo transformar a experiência musical escolar, engajando os alunos de maneira dinâmica e prática. Green (Green, 1987, p. 100 apud Souza 2004, p. 8) aborda a relação dos adolescentes com a música, na qual “a música representa uma manifestação de uma identidade cultural caracterizada por dupla pertença: classe de idade e do meio social”, ou seja, intrinsecamente ligada à questão social, identitária e de comunicação. Dessa forma, a banda promove um senso de comunidade e também de colaboração entre os estudantes, no contexto escolar e social, desenvolvendo habilidades importantes para as áreas acadêmicas, sociais e culturais de desenvolvimento humano.

Ensino coletivo de instrumentos musicais

Sabemos da importância do ensino individual de instrumentos musicais, assim como a perspectiva acerca do ensino coletivo. A intenção dessa proposta de escrita não aponta uma melhor estratégia ou ponto de vista, mas sim, impulsiona o debate sobre as propostas pedagógicas relativas ao ensino coletivo, especialmente no contexto específico da banda.

O que acontece, em alguns casos, é que, quando se trata do ensino coletivo de instrumentos, há uma prática adaptada que perpassa o ensino individual e que acaba por não se conduzir de modo característico como reconhecido no ensino em grupo. Assim, Paziani (2016) aponta que esse modelo adaptado, que vem do ensino individual para o ensino coletivo, “pode funcionar para o aprendizado técnico dos alunos, mas pode também negligenciar aos mesmos a oportunidade de vivenciarem práticas que adquirem maior sentido quando apreendidas em grupo” (p. 2).

Dessa forma, pode-se observar que, o ensino coletivo diferencia-se do ensino propriamente dito individual, pois agrega conhecimentos por meio do compartilhando de experiências; estabelece uma relação social que é ampliada, considerando que é realizada de modo colaborativo e integrativo entre os alunos; desenvolve habilidades de coordenação e escuta ativa, compreendendo os momentos e sinalizações do regente para o toque de entradas, finalizações e demais conduções entre músicas; e ainda, os alunos compreendem que o trabalho é realizado no grupo e que isso depende de cada um dos integrantes, para que juntos possam manter a dinâmica em conjunto, seguindo o regente e ajustando suas questões individuais para a formação do todo.

Importante mencionar que mesmo o ensino coletivo de instrumentos da banda, foco deste estudo, seja realizado por meio do ensino coletivo, cada aluno participante tem seu ritmo de aprendizagem e o valor agregado na prática em grupo pode, e se torna, uma alavanca no desenvolvimento musical individual, sendo que as habilidades e experiências são compartilhadas pelos membros da banda de forma informal e formal. Ainda, outro ponto de destaque da banda, é que há encontros em que os participantes trabalham em seus devidos

naipes, realizando ensaios com pequenos grupos, além da realização dos ensaios gerais. Assim, Lima (2022, p.17) citando Tourinho (2010), enfatiza que:

[...] a coletividade das aulas é um momento de troca de experiência e de vivência musical, mediação de conhecimento. Segundo a autora, a diferença existente entre os participantes é de fundamental importância nesse processo de construção de saberes, onde o aprendizado coletivo acontece por observação e interação com outras pessoas. (TOURINHO 2010 apud LIMA, 2022, p. 17).

Nesse sentido, o ensino coletivo não apenas potencializa o aprendizado individual mas, também, estabelece um vínculo de comunidade, em se tratando da aprendizagem, que valoriza a troca de conhecimentos e a cooperação. Assim, esse processo de ensino e prática musical em grupo se revela como uma abordagem essencial para a formação integral dos alunos, preparando-os para enfrentar desafios musicais e sociais com maior segurança e competência.

A banda e o projeto social

Dentre as várias formas de ensino e aprendizagem musicais presentes na sociedade, podemos destacar, segundo Santos (2006), a forte ascensão nas últimas duas décadas de projetos sociais e a importância destas práticas musicais para as pessoas que encontram nestes espaços a possibilidade de conhecer, fazer e praticar música, mesmo não tendo acesso ao ensino musical formal. Neste caso específico, a presença da banda na comunidade, vinculada ao Colégio Estadual Manoel Ribas, se torna um exemplo importante de projeto social e ensino de música aos seus integrantes.

Neste contexto de trabalho com educação musical, Bozon (2000) destaca o caráter social que a música possui e relata, com base em estudos realizados, a constituição de um fenômeno de sociabilidade, devido à prática musical em si implicar em relações interpessoais entre os músicos. Desta forma, se torna muito importante o olhar e conhecimento sobre

estes projetos, que possuem dinâmicas educativas próprias e contribuem para o acesso e estreitamento da comunidade com o ensino musical.

Um dos principais pontos a serem destacados é a integração entre os membros dos grupos dentro destes projetos e a oportunidade de cooperação, união e solidariedade entre eles, onde

[...] ao promover um ponto de solidariedade, ao redor do qual os membros da sociedade se congregam, a música funciona como integradora dessa sociedade. A música, então, fornece um ponto de convergência no qual os membros da sociedade se reúnem para participar de atividades que exigem cooperação e coordenação do grupo. (HUMMES, 2004, p.43)

Junto da integração de jovens com a comunidade e a sociedade como um todo, os projetos sociais atuam como um exercício para as potencialidades humanas. Essas práticas atuam como uma reafirmação de si dos protagonistas, reforçam sua autoestima e geram um reconhecimento do meio social em que vivem (DAYRELL, 2002).

Além disso, é importante ressaltar que esse meio de prática educativo-musical não tem como finalidade apenas formar músicos e sim musicalizar os estudantes. Esse termo significa, segundo Oliveira (2001), “desenvolver senso musical das crianças, sua sensibilidade, expressão, ritmo, ‘ouvido musical’, isto é, inseri-la no mundo musical, sonoro”. Entretanto, o projeto social também abre as portas para uma possível profissionalização musical e uma oportunidade de beneficiar todo o ciclo social do aluno, além de trazer um sentido de unidade e de pertencimento social (MERRIAM, 1964).

Relato do primeiro autor: a banda, o projeto e a visita

Neste ano, em que completamos 68 anos de existência como projeto extracurricular (embora já tenhamos feito parte do currículo) de uma escola pública do ensino médio, com aproximadamente 900 alunos, recebemos a visita de um grupo de pesquisadores em educação musical. A banda e o colégio estão situados em uma cidade de médio porte, localizada a 277

km da capital do estado. Na cidade e no estado, em décadas como 50, 60, 70, era comum que várias organizações como a nossa se encontrassem em concursos e festivais e a própria cidade chegou a ter cinco bandas estudantis por décadas. Continuamos a tocar e desfilar pela cidade, torcendo para que nossa música ainda soe, transforme e reverbere.

Ao retomarmos as atividades neste ano, recebemos convites para apresentações e isso é bem-visto pelo grupo pois serve como motivação e, infelizmente, as chuvas e enchentes de maio cancelaram as apresentações deixando o grupo levemente desmotivado. A performance coletiva e as apresentações servem como complemento para o ensino coletivo que é o método utilizado por nós professores para ensinar música e dança no projeto da banda. Este tipo de ensino nos desafia a sermos multi-instrumentistas e a usar a criatividade nos arranjos e adaptações, pois o grupo é heterogêneo e possui um nível inicial de Educação Musical.

A banda possui três professores responsáveis, o professor de percussão que foi coordenador e regente por quase 30 anos e continua contribuindo mesmo depois de aposentado, a professora de educação física e ex-aluna do projeto, responsável pelo corpo coreográfico e pelas evoluções da banda e por mim, ex-aluno do projeto professor dos instrumentos de sopro, regente e coordenador, além de presidente da associação que dá suporte à banda. Os temas são transversais no projeto e as apresentações, que complementam o ensino coletivo, também servem como forma de arrecadar fundos para a manutenção do projeto que, por ser extracurricular, não possui verba fixa. Por esta razão, em acordo com a direção da escola, pedimos um cachê em determinadas apresentações. Por fim, apesar da chuva e do frio intensos, os alunos do projeto fizeram uma boa demonstração aos componentes do grupo de pesquisa, sendo motivo de orgulho para nós professores.

Coordenar o projeto e “pensar” a banda, impõe a quem estiver a frente uma série de conhecimentos técnicos, mas neste momento vou me ater a um que tem exigido esforço de minha parte. A questão conflitante é estar no espaço da escola pública, interagir com ela mas possuir características de projeto social como escassez de recursos financeiros, ensino gratuito, número expressivo de participantes, entre outras características que requer de nós

professores uma otimização do tempo. Para isso, utilizamos o ensino coletivo de instrumentos musicais e, sendo licenciado em música e Bacharel em trompete, utilizo um compilado entre métodos individuais e coletivos de técnica instrumental e teoria, buscando alcançar como um dos objetivos, a performance coletiva.

Ao iniciar o processo de musicalização, todos os componentes do corpo musical participam das aulas de teoria musical, contendo a expectativa de manusear logo um instrumento de percussão ou de sopro. Além disso, participam das instruções de ordem unida e deslocamento em grupo, conhecimentos necessários para organizar os ensaios, apresentações e desfiles. Com o passar do tempo, nem todos os componentes do grupo persistem, uns por acharem muito teórico, outros (ponto, os veteranos - ou “multiplicadores” como gosto de chamá-los - desempenham um papel importante, tanto na técnica e performance, quanto no aspecto comportamental e social entre os integrantes do grupo. Nesse momento, o ensino e as práticas coletivas são desejados por todos e eles compreendem que pela característica melódica da maioria dos instrumentos e, pela segurança que uns proporcionam aos outros, precisam de todos para que soem bem harmonicamente.

O ensino e o projeto são, em minha opinião, acessíveis pois, basta vontade e comprometimento para fazer parte, uma vez que o repertório foi aprendido e a prática inicial desenvolvida. Uma nova temporada se inicia com novos alunos, novo repertório e outros desafios que envolvem o universo da banda, deixando a cargo de cada componente a possibilidade de continuar ou não a desenvolver sua educação musical.

Relatos: autor número 4

No dia em que fui assistir o ensaio da Banda do Maneco (Banda Marcial Manoel Ribas para quem não é da região) teria ensaio da orquestra mais tarde, inclusive cheguei atrasado aquela noite, pois não consegui deixar de presenciar o ensaio até o fim. Dessa forma, me passavam pela cabeça algumas semelhanças e também particularidades entre a banda e orquestras profissionais que eu lembrava de já ter assistido algum ensaio. O Daniel, regente da banda, não precisou comentar nada com os músicos, somente mostrar o gesto determinado previamente para cada

sequência de músicas e a banda se pôs a marchar e tocar conforme o Daniel indicava os sinais com a mão. Era nítida a confiança entre regente e banda e não havia qualquer confusão ou dificuldade em entender os sinais entre os músicos. Em qualquer orquestra profissional não existe correção de erros básicos relacionados à técnica, primeiro porque geralmente não acontecem, e segundo porque nem deveria ser notado, pois o maestro está ocupado pensando em características mais gerais da obra, conexão entre os naipes, sonoridade e timbre da orquestra como unidade. Durante o ensaio o regente também não precisou corrigir absolutamente nenhum músico, pois não foi necessário. A disciplina era visível entre eles, que não trocaram pé e nem se confundiram em nenhum momento da marcha. Quando um trompetista, também aluno e integrante da banda, chegou atrasado, logo entrou no ginásio com o instrumento na mão, se ajustou rapidamente na posição no meio da fila, sem titubear e começou a tocar com a banda, que marchava e tocava sem partitura, nos primeiros momentos de ensaio. Contrapondo esse tipo de situação com algo parecido em qualquer orquestra renomada, certamente o músico profissional teria a mesma postura e atitude. Essa dinâmica de ensaio com gestual e sinalização prática com a banda impressiona e passa credibilidade para quem acompanha, isso sem falar das coreografias do outro grupo de estudantes que dançavam e tiravam o fôlego de quem assistia. Quando cheguei ao colégio mais cedo, fui acompanhado por dois alunos que tocam caixa na banda, muito solícitos e gentis, essa energia já me deixou totalmente à vontade para conhecer o restante do pessoal. Quando finalizou, saí muito contente do ensaio, com uma sensação de que ali naqueles espaços da escola acontecia toda semana um trabalho bonito, comprometido e valioso para o pessoal que fazia parte. (Relato de Pablo)

Relato autora número 2

Sentia-me animada para presenciar o ensaio da Banda do Maneco ao qual fomos convidados, como grupo de pesquisa, a participar. Não conhecia a escola e nunca, até o momento, sabia que a escola se localizava próxima à Vila Belga. Ao estacionar o carro do lado oposto da entrada da escola, atrás da mesma, na rua da Vila Bega, ainda não tinha certeza de estar no local correto. Entretanto, ao desligar o carro, foi que pude perceber a sonoridade que circundava o ambiente. Olhei para o alto e vi um prédio antigo, com as luzes ligadas e o som de banda marcial tocando, sorri e me pus a correr até a entrada da escola, pois já estava atrasada. Chegando na escola, fui direcionada para o local do ensaio, um ginásio, e segui minha audição até a entrada do local. Encontrei a professora coordenadora do grupo de pesquisa e mais um colega/amigo do grupo que já estavam observando o ensaio. O regente Daniel, que também é nosso colega/amigo participante do grupo de pesquisa, que nos fez o convite, estava com a galera da banda. Me cumprimentou e conversamos brevemente antes dele retomar com o ensaio. Outro rosto conhecido surgiu do meio da galera do ensaio, e senti um abraço apertado. Minha aluna de docência orientada, disciplina do mestrado. Após abraço caloroso, conversou brevemente comigo também, falando sobre sua atuação como coreógrafa das balizas da banda. Então, o ensaio retomou seu curso. Fiquei surpresa com o desenvolvimento musical da banda. Observei o ensaio com atenção, curtindo as propostas de repertório e revivendo na memória os meus tempos de banda marcial, no qual tocava lira, escaleta, tarol e caixa clara na “Banda Municipal” e na “Banda Treme Terra” da

cidade onde concluí meu ensino fundamental e ensino médio. A sonoridade da banda estava excelente, os sopros (naípe mais grave) pareceu muito seguro e deu seu ar de sustentação às propostas. As entradas estavam perfeitas, e as finalizações também. A sintonia entre os membros era nítida, tanto nas trocas de música, quanto nos movimentos e no seguimento das indicações do regente. Percebi que muitos dos sopros utilizavam partitura para tocar, e fiquei curiosa sobre o assunto, perguntando para o Daniel, ao final do ensaio, como era realizada esta questão de Educação Musical. Claro que o grupo de balizas também nos chamou a atenção, pois dançavam de modo expressivo, sincronizado e nos tiravam o ar em determinadas manobras. Quando, por fim, a banda finalizou o ensaio, eu fiquei encantada e já queria estar com o grupo, fazendo parte e tocando junto. (Relato de Beatris)

Breves considerações

Apesar da *performance* incrível da banda e do corpo coreográfico, a escola por circunstâncias específicas não pode fornecer todo o apoio necessário para a manutenção do projeto. Com o surgimento da associação a banda se torna um misto de atividade extracurricular e projeto social. Neste relato os autores buscam descrever como esta instituição atípica desenvolve seus trabalhos. Cabe realçar, que sendo um grupo de pesquisa ligado às pesquisas (auto)biográficas em Educação Musical, os colegas buscam ajudar ao desenvolvimento da escrita do primeiro autor através de uma visita e posterior relato por escrito, além de colaborarem nas buscas por literaturas acadêmicas. Assim sendo, resulta um escrito a muitas mãos e perspectivas que só vem a corroborar a pertinência da continuidade do projeto e a experiência estética muito significativa que foi vivenciada por todos os envolvidos. Esperamos que tal experiência possa ser, de certa forma, compartilhada com os leitores e que através de relatos de experiência como estes muitas bandas marciais possam ser estimuladas em sua manutenção ou criação, na escola, fora dela, como projetos sociais ou qualquer configuração passível de subsistir nas condições educacionais adversas, muitas vezes experienciadas no Brasil.

Referências

ALMEIDA, Jéssica de. Biografia músico-educativa: produção de sentidos em meio à teia da vida. 2019. 368f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

ALMEIDA, Jéssica de; LOURO, Ana Lúcia. Biografia músico-educativa: aspectos teóricos e metodológicos, v. 27, n. 42, p. 94-112, jan./jun. 2019.

BOZON, Michel. Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local. Em Pauta: Revista do Programa de Pós-Graduação em Música UFRGS. V. 11, Nº 16/17, p. 146-174, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmPauta/article/view/9381/5553>. Acesso em: 25 de jul. 2024.

CAMPOS, Nilceia Protásio. O aspecto pedagógico das bandas e fanfarras escolares: o aprendizado musical e outros aprendizados. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 16, n. 9, p. 103-111, mar. 2008. Disponível em:
<<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/articloe/view/264/195>>. Acesso em: 24 jul. 2024.

DAYRELL, J. O rap e o funk na socialização da juventude. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, 2002.

HUMMES, J. M. As funções do ensino de música na escola, sob a ótica da direção escolar: um estudo nas escolas de Montenegro. Dissertação (Mestrado em Educação Musical), Programa de Pós-Graduação em Música - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LIMA, Edailza Maria Pereira. GRUPO DE PERCUSSÃO POPULAR DA UFPB: Práticas de ensino coletivo de percussão popular em um grupo heterogêneo. Trabalho de conclusão de curso. João Pessoa, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/24255/1/EMPL08082022.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LOURO, Ana Lúcia. Improvisando sobre um tema de Larrosa: diários de aula numa disciplina sobre a “narrativa de si” na pesquisa em Educação Musical. Educere et Educare (Impresso), v. 8, p. 479-497, 2013.

_____. Repertórios musicais, práticas pedagógicas e temas de pesquisa: reflexões sobre ensino de pesquisa e música dentro de uma abordagem (auto)biográfica. Revista da Fundarte, Montenegro, v. 16, n. 31, p. 8-26, 2016.

LOURO, Ana Lúcia; TEIXEIRA, Ziliane L. de Oliveira; RECK, André Müller. Pesquisa em Música: reflexões sobre memórias musicais e dimensões da “experiência de si”. Revista Digital do LAV, Santa Maria, v. 9, n. 1, p. 89-102, 2016.

MERRIAM, A. The anthropology of music. U.S.A: North – West University Press, 1964.

NÓBREGA, M. L. C. A Cidade das Bandas: o projeto de bandas marciais da rede municipal de ensino de João Pessoa. 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

OLIVEIRA, D. A. Musicalização na educação infantil. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 3, n. 1, p. 98-108, dez. 2001. Disponível em: . Acesso em: 23/09/2010.

OLIVEIRA, Ana Carolina Nascimento de. As relações entre teoria musical e prática instrumental no contexto da Banda Marcial Machado de Assis, em João Pessoa/PB. Monografia Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2023.

PAZIANI, Danilo Ribeiro. O ensino coletivo de instrumentos musicais: reflexões acerca do modelo na perspectiva da experiência com a criação musical. XXVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – B. Horizonte - 2016. Disponível em: https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2016/4132/public/4132-14217-2-PB.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

SANTOS, Carla Pereira dos. Projetos sociais em educação musical: uma perspectiva para o ensino e aprendizagem da música. XVI Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música, Brasília, 2006. Disponível em: https://antigo.anppom.com.br/anais/anaiscongresso_anppom_2006/CDROM/COM/01_Com_EdMus/sessao05/01COM_EdMus_0503-034.pdf. Acesso em: 25 de jul. 2024.

SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 10, 7-11, mar. 2004. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/356/285>. Acesso em: 24 jul. 2024.

TOURINHO, Irene. Usos e funções da música na escola pública de 1º grau. Fundamentos da Educação Musical, Porto Alegre, n. 1, p. 91-133, 1993a.